ISSN 2178-2229

DOI: https://doi.org/10.18764/2178-2229v33n1e29052

Da argila às nuvens: investigar e escrever na História da Educação

O Dossiê *Da argila às nuvens: a escrita na História da Educação*, é fruto da XVI edição do Encontro Maranhense de História da Educação (EMHE) e do V Colóquio Internacional sobre História do Livro, da Leitura e das Bibliotecas (CIHLILEB) que se realizaram no mês de junho de 2025. Estes eventos que são organizados anualmente pelo Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras (NEDHEL/UFMA), contou nestas edições com a colaboração de pesquisadores de referência no campo da História da Educação brasileira e estrangeira (Estados Unidos, Itália e Argentina), seja na condução das conferências de abertura, intermediária e de encerramento, seja nas três mesas redondas de cada evento.

Na V edição do CIHLILEB que teve como tema central *Da argila às nuvens: a leitura, os livros e as bibliotecas* se abordaram as ferramentas digitais para o ensino da leitura e da escrita; se discutiu sobre o livro digital e a biblioteca virtual como lugar de memória; e se apontou para a leitura e leitores digitais em função de diferentes rituais, tempos, atitudes e comportamentos, como também para as diversas representações e apropriações nessas ambiências digitais, apesar da frieza das práticas atuais nesta sociedade de plataformas e/ou em função de práticas ciberculturais que são mediadas pelas tecnologias móveis digitais conectadas ao ciberespaço, que se caracterizam pela interatividade, colaboração e pelo compartilhamento, assim como pela autoria, remixagem e pela participação ativa dos sujeitos na produção, na circulação de informações e conhecimentos (Veloso; Bonilla, 2017), como também na ressignificação da pesquisa histórica e na garimpagem das fontes (De Certeau, 1994).

Já no XVI Encontro Maranhense de História da Educação em parceria com o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão, que tive como temática *Investigar e escrever em História da Educação na Era do digital*, a discussão orbitou ao redor dos lugares de memória digital tendo em conta a

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

sua natureza, operacionalidade e função; sobre a fonte (in)material e a materialidade das fontes em uso, e ao respeito da Informação digital e a produção de sentido na operação historiográfica haja vista os dispositivos móveis como tecnologias digitais que integram diferentes linguagens e orbitam múltiplos lugares de memória; tecnologias que favorecem a criação de novas formas sociotécnicas de interação e ampliam as possibilidades de produção, pesquisa e de compartilhamento de conteúdos/resultados (Lucena, 2016). Eixos de discussão que possibilitaram refletir sobre saberes e práticas escolares na História da Educação; fortalecer os estudos e as pesquisas neste campo no âmbito da Região Nordeste e em especial no Maranhão; divulgar as pesquisas e a produção em História da Educação no Estado, assim como contribuir com a troca de experiência entre pesquisadores de História da Educação maranhenses e de outras localidades do país e do estrangeiro. Nesses termos, as falas projetadas nos eventos aparecem aqui como produções acadêmicas direcionadas a alunos, professores, pesquisadores e leitores em geral interessados nas temáticas propostas.

Robert Darnton em *Bibliotecas como máquinas do tempo* nos alerta que estes espaços não são depósitos de livros. Esses lugares de memória são máquinas do tempo que nos podem ajudar a viajar em nossa imaginação e entrar em mundos que perdemos. Em parte, pela sua arquitetura, em parte pelos próprios textos, nos ajudam a evocar o passado e a vagar por ele. A história das bibliotecas nos remete à ambição de reunir todos os livros em um só lugar, surgindo assim a Biblioteca de Alexandria; embora estudos mais recentes demonstrem que a história das bibliotecas remonta praticamente ao início da escrita, e sua trajetória aponta para um futuro marcado pela crescente democratização do acesso ao conhecimento.

Samuel Luis Velázquez Castellanos em *Da Cracóvia de Paris à Cracóvia Global na Era do digital: perspectiva histórica,* reflete sobre as mudanças em curso das novas tecnologias da informação e da comunicação a partir dos lugares de memória digital e de como ressoam na investigação e na escrita em História da Educação. Questiona-se como a informação digital e digitalizada pode ser acionada e filtrada, tendo em conta a (i)materialidade das fontes e até que ponto os procederes no terreno do digital reverberam na produção de sentido na operação historiográfica. Apoiado nos pressupostos teórico-metodológicos da História cultural e as pesquisas bibliográfica e documental, conclui que diferentes representações, apropriações e

práticas são indicativos de interações e interconexões no cenário digital; mas, o desafio imposto no âmbito escolar, no meio acadêmico e na pesquisa histórica, tanto para alunos e leitores, como para professores e pesquisadores na Cracóvia Global, quando se fala do livro escolar, digitalizado e/ou o do livro interativo digital, é aliar a competência técnica à competência política e ética.

Marta Brunelli em *Livro e leitura na era digital: luzes e sombras,* aborda as transformações do livro e das práticas de leitura nessas ambiências, ao refletir sobre o impacto das mudanças na educação e nos processos cognitivos. Após uma breve reconstrução da evolução do livro como objeto cultural e do papel das bibliotecas como guardiãs da memória coletiva e do acesso ao conhecimento, o foco se volta para o presente, marcado por uma crescente desmaterialização do saber. Analisa as crescentes dificuldades no ensino e na aprendizagem da leitura e da escrita, com atenção especial aos transtornos específicos da aprendizagem, como a dislexia e a disgrafia e propõe estimular o debate sobre como a pedagogia pode acompanhar e orientar essas mudanças, promovendo uma educação leitora consciente, acessível e inclusiva, capaz de enfrentar os desafios presentes sem renunciar à riqueza do patrimônio cultural e bibliográfico do passado.

André Luiz Paulilo em *A cultura de serviços da escola e suas práticas: fontes para o estudo do patrimônio (i)material da educação*, pretende compreender o processo de formação de uma cultura de serviços na escola pública quando parte da hipótese de que a articulação de instituições escolares auxiliares nas reformas educacionais dos anos 1920-1930 de fato alterou as finalidades sociais da escola. Discute algumas práticas voltadas para o cuidado da criança e a formação de hábitos, tomando como perspectiva a ampliação do trabalho docente na consolidação de uma representação de escola voltada para finalidades sociais e, tenta compreender os modos como as atividades auxiliares da escola fizeram da assistência, do cuidado e das atividades docentes extraordinárias um patrimônio cultural da escola pública no país.

Carlota Boto em *A história da educação em tempos de mudança de paradigma: novos modos de pensar e velhas maneiras de olhar*, reflete sobre a informação digital e a produção de sentido na operação historiográfica. Trata de averiguar os mecanismos pelos quais a pesquisa em educação tem ocorrido no território da internet, indagando sobre os impasses e as dificuldades produzidos

quando se confronta e investiga na tela com a pesquisa de documentação e bibliografia impressas. O texto se debruça sobre os caminhos do passado, indicando alguns outros períodos de inflexão, que deram lugar a inovações técnicas e produziram transformações nos comportamentos letrados e públicos; estratégias de investigação acadêmica e novas formas de pesquisar, que transformam ou alteram procedimentos, rituais e práticas inscritos na operação historiográfica.

Diana Rocha Silva em *Entre notas: pesquisa histórica e representação da informação*, coloca a área de nota e de descrição física como um item bibliográfico que se configura para os profissionais que fleteam com fatos e acontecimentos históricos como recurso estratégico de informação. Apresenta recursos disponíveis para orientar o trabalho do bibliotecário no processo de representação de acervos do patrimônio histórico bibliográfico disponíveis em ambiente digital. Reflete sobre as oportunidades/omissões no processo descritivo de itens informacionais, relacionadas à área de nota e às características físicas do documento. Registra a autora, que a maioria dos itens representados e postos a circular digitalmente carece de uma descrição mais compatível com as demandas e necessidades dos historiadores, incluindo informações sobre público-alvo e natureza da documentação, que sugerem mudança de postura do profissional da informação enquanto ao detalhamento do recurso.

Lia Machado Fiuza Fialho e Lidiane da Silva Pereira em *Fontes (i)materiais na história de mulheres educadoras a partir de produções do grupo PEMO*, discutem as fontes históricas (i)materiais para registro e preservação da história e da memória das mulheres professoras que contribuíram para a formação educacional da sociedade e que não foram devidamente valorizadas. Amparadas nos pressupostos teóricos da Nova História Cultural e a partir da análise das produções acadêmicas (teses e dissertações) do grupo Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (UECE), identificam as fontes que subsidiaram as pesquisas biográficas com educadoras realizadas entre 2020 e 2024, bem como a maneira como foram tratadas para a (re)escrita de narrativas históricas no campo da história da educação. Concluem que o caráter da fonte é suscitado a partir da problematização dialógica entre pesquisador e objeto e que o alargamento nos conceitos de fontes e sujeitos da história permitiu que novos olhares fossem lançados na escrita da biografia de educadoras

Henrique Boralho em *Versura: uma proposta de escrita e de leitura digital*, aborda a produção textual através de um *blog*, cujo título se alicerça no conceito de Giorgio Agambem de Versura do Enjabement, e que é entendido como o desdobramento da palavra; dissonância que encontra um duplo significado pela suspensão da linearidade do verso que somente a poesia encontra, momento único em que se distingue a poesia da prosa. O autor orbitando o projeto de extensão para estudantes do Ensino Médio na cidade de Alcantara, do Instituto Federal do Maranhão, e a partir de 364 postagens e 137.000 acessos, aborda a produção de texto na simultaneidade das duas lógicas que apontam para uma cultura digital que mobiliza estratégias de leitura e de escrita em função da intertextualidade e da transliterariedade que estimulam a expressão e a comunicação digital de forma interativa.

Sônia Maria da Silva Araújo em *A produção do conhecimento em história da educação e a ética na pesquisa*, aborda as implicações éticas na produção do conhecimento no campo da história da educação a partir de instrumental disponível no sistema global de redes (web). Com base no conceito de operação historiográfica de Certeau (1982), reflete sobre o trabalho do historiador com a existência da internet e traz para o debate as discussões promovidas pela Associação de Pós-Graduação em Educação (ANPEd) sobre a ética na pesquisa, estabelecendo conexões com a escrita da história da educação. Conclui que pensar a cultura historiográfica hoje, requer reconhecer o lugar que o desenvolvimento tecnológico ocupa tanto em relação ao levantamento de fontes quanto os procedimentos metodológicos na construção da história, no sentido de compreender as subjetividades e alteridades que a constitui.

Cesar Augusto Castro em *Uma cartografia do método Castilho na imprensa maranhense (1851 - 1920) a partir da hemeroteca digital brasileira*, mapeia o uso do Método Castilho no Maranhão, em função de notícias ao respeito no período de 1851 a 1920, identifica periódicos maranhenses que contenham registros relacionados e descreve as estratégias utilizadas para a localização. A metodologia de natureza descritiva e exploratória, opera pelos seguintes procedimentos: a) Levantamento e estudo bibliográfico de trabalhos relacionados ao método e sua importância para as pesquisa em história da educação; b) Mapeamento de hemerotecas digitais estaduais e nacionais; c) Busca sistemática de jornais e periódicos que apontem para o método Castilho no Maranhão nesses acervos; d) Descrição das notícias encontradas nos

periódicos; entre outros. Conclui com a recuperação de 22 notícias sobre o Método Castilho, publicadas em 10 periódicos maranhenses, que demonstram uma sequência de publicações como indicativos de um fluxo de opiniões que envolviam o método de leitura e escrita, sendo relevante a análise das ocorrências digitais para pesquisa e escrita em História da Educação.

Andreia Marta Brito em *Sob o amparo da cultura escrita: notas para uma história futura na América Latina*, defende que as práticas desta cultura se transformam em um tempo acelerado, marcado por algoritmos, enquanto a conquista plena do mundo da cultura escrita ainda não está consolidada, sendo um problema persistente na região. Analisa o panorama contemporâneo ao respeito por meio de um levantamento de informações qualitativas e quantitativas, sob a perspectiva teórica da história cultural, bem como explora as margens da responsabilidade coletiva da pesquisa e da formação educacional, para identificar possíveis contribuições que incentivem a sustentação do poder crítico e criativo da cultura escrita em contextos sociais justos na América Latina.

Adriana Maria Paulo da Silva em *O fazer historiográfico nas ambiências digitais*, articula a emergência histórica da era digital tendo em conta a sua historicidade, haja vista a convivência com objetos digitais (livros digitais, bibliotecas digitais, bases de dados digitais e etc.) e da qual tem decorrido a formação de um novo tipo de subjetividade, informada por novas formas de comunicação, do conhecimento histórico e da circulação de informações. Discute os novos desafios para o trabalho acadêmico e institucional nas ambiências digitais, focando o caso brasileiro, neste texto. Conclui que, tão importante quanto o domínio pleno dos instrumentais e procedimentos necessários à realização e validação das pesquisas feitas nas ambiências digitais, deve ser o compromisso ético e o cuidado dos pesquisadores com os participantes de pesquisa.

Já Luhilda Ribeiro Silveira e Juliana Aparecida Gulka em *Periódicos científicos, redes, fluxos e métricas: reflexões e implicações para a área da Educação*, refletem sobre as transformações que vêm redefinindo a produção, a circulação, a validação e a construção do conhecimento científico no contexto do paradigma informacional. partindo do pressuposto que a inovação tecnológica, articulada a sistemas de mensuração e avaliação acadêmica, reorganiza a comunicação científica e confere centralidade aos periódicos não apenas como suportes de registro, mas

como elementos estruturantes desse ecossistema. Discutem a consolidação dos periódicos e sua inserção em redes globais de circulação do conhecimento, como também o papel dessas publicações na construção da reputação acadêmica e nos mecanismos de legitimação da produção científica, haja vista as dinâmicas das métricas e dos sistemas de avaliação da produção intelectual, à luz das diretrizes da CAPES para a avaliação da pós-graduação. Concluem que o conjunto de processos que orbitam entre limites, tensões e efeitos sobre práticas editoriais e trajetórias acadêmicas incide diretamente sobre as formas de organização da comunicação científica e sobre as condições sociais e institucionais de reconhecimento do conhecimento produzido.

Assim, convidamos a estudantes de graduação e pós-graduação, a professores da Educação Básica e do Ensino superior, a pesquisadores de História da Educação e de outras áreas, e aos leitores em geral a que incursionem pelo Dossiê Da argila às nuvens: investigar e escrever na História da Educação que aponta para novas problemáticas, novos caminhos metodológicos e novos objetos de investigação, mesmo que se faça referência a velhos objetos ressignificados em novas perspectivas de análise.

São Luís, março de 2026.

Samuel Luis Velázquez Castellanos

Cesar Augusto Castro

REFERÊNCIAS

CERTEAU. Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

LUCENA, Simone. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, n. 59, p. 277-290, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/Mh9xtFsGCs6HRpCWWM5XhvL/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 05 jun. 2026.

VELOSO, Maristela Midlej Silva de Araujo; BONILLA, Maria Helena Silveira. Práticas ciberculturais e a autoria do professor: as redes de criação educativas no cotidiano da escola. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 1, n. 1, p. 80–97, 2017. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/30487. Acesso em: 05 jun. 2026.